



FLACSO 2022

V Congreso  
Latinoamericano y  
Caribeño  
de Ciencias Sociales  
**16, 17 y 18**  
Noviembre, 2022  
Montevideo, Uruguay

“Democracia, justicia e igualdad”

## **Puxando Conversa, Inclusive Luísa e Saúde e Alegria: reflexões sobre comunicação para a cidadania a partir de três experiências brasileiras**

José Valter Pereira (Universidade Federal Fluminense)

Leidiane dos Santos Aguiar Macambira (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Luísa de Souza Rocha Camargos (AIC - Agência de Iniciativas Cidadãs)

Luiz Carlos Lima Silva (AIC - Agência de Iniciativas Cidadãs)

Rafaela Pereira Lima (AIC - Agência de Iniciativas Cidadãs)

Shirley Martins da Silva Camillo (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Walter Oliveira da Silva (Projeto Saúde e Alegria)

**Artigo apresentado no dia 18/11/2022, no GT 07 – “Comunicação, Cidadania e Poder”.**

### **Resumo**

O artigo discute três iniciativas que envolvem diferentes metodologias e aparatos comunicacionais para a mobilização popular pela construção e direitos, cada uma abrangendo de forma mais direta um campo específico: o Puxando Conversa, do Rio de Janeiro, relaciona-se à promoção da memória da cultura popular; o Inclusive Luísa, de Minas Gerais, volta-se à defesa dos direitos das pessoas com deficiência e à promoção da inclusão; no Saúde e Alegria, do Pará (Amazônia), a comunicação está a serviço do fortalecimento e da promoção da saúde de comunidades ribeirinhas do Pará, e do apoio aos povos indígenas em seu incansável trabalho de defesa da Floresta Amazônica.

### **Introdução**

O campo da comunicação para a cidadania é constituído por um diversificado leque de experiências. Ele abarca, por exemplo, os projetos de educação midiática – ações educativas voltadas a possibilitar que as pessoas construam uma relação crítica e ativa com o universo das tecnologias e dos meios de comunicação –, as experiências de mídias criadas por grupos populares, e ainda as ações de democratização dos recursos da comunicação estratégica para o fortalecimento dos coletivos e instituições que promovem a mobilização social pela cidadania.

Contudo, ainda que bastante variadas, as experiências desse campo têm em comum dois aspectos fundamentais: 1) são calcadas na participação comunitária e popular na construção das ações e das peças de comunicação; 2) voltam-se à promoção dos direitos humanos fundamentais (dentre os quais destacamos a equidade, a não-discriminação e a valorização da diversidade; além do acesso de todos e todas às condições para uma vida digna: moradia, saneamento, alimentação, saúde, educação, trabalho e renda, criação e produção artística e cultural, lazer).

Nossa proposta é discutir três iniciativas que envolvem diferentes metodologias e processos comunicacionais conectados à mobilização popular pela construção de direitos, cada um com uma singularidade: o Puxando Conversa, do Rio de Janeiro, que combina produção audiovisual e promoção da memória da cultura popular; o Inclusive Luísa, de Minas Gerais, que se vale de diferentes estratégias comunicativas para promover a defesa dos direitos das pessoas com deficiência e o ideal da sociedade inclusiva e democrática; e o Saúde e Alegria, experiência em que a comunicação está a serviço do fortalecimento e da promoção da saúde de comunidades ribeirinhas do Pará e do apoio aos povos indígenas em seu incansável trabalho de defesa da Floresta Amazônica.

## **1. Puxando Conversa**

Nascido na década de 1990, o Puxando Conversa é um projeto idealizado e coordenado pelo professor da UFF, José Valter Pereira (Valter Filé), em parceria com um grupo de profissionais do campo da comunicação popular e de educadores das cidades de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro e Niterói, pertencentes ao estado do Rio de Janeiro (RJ). Sua origem deu-se na TV Maxambomba<sup>1</sup>, projeto de TV comunitária realizado nos anos 1990. Desde então, a iniciativa vem sendo viabilizada pela parceria entre diversas instituições co-realizadoras; entre elas, as principais são a TV Pinel<sup>2</sup>, o LEAM<sup>3</sup> (Laboratório de estudos e aprontos multimídia) e a Agência de Iniciativas Cidadãs<sup>4</sup> (AIC). A iniciativa alia recursos do audiovisual comunitário a uma ação de promoção de memórias produzidas no encontro com compositores de samba da Baixada Fluminense e município do Rio de Janeiro (RJ).

---

<sup>1</sup> TV Maxambomba, projeto de comunicação popular, com sede em Nova Iguaçu. Desenvolvido pelo CECIP (Centro de Criação de Imagem Popular) de 1986 a 1998, a TVM se apresentava como uma TV de rua e produzia vídeos a partir de demandas da população da Baixada Fluminense e depois os exibia em praças públicas. Disponível em: <https://cecip.org.br/site/>

<sup>2</sup> TV Pinel. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/tvpinel/>

<sup>3</sup> LEAM – Laboratório de Estudos e Aprontos Multimídia: as relações étnico raciais na cultura digital. Disponível em: <https://leam.uff.br/>

<sup>4</sup> AIC – Associação Imagem Comunitária. Disponível em: <https://aic.org.br/>

No projeto, já foram produzidos, ao todo, 27 documentários<sup>5</sup> sobre as histórias de vida de 49 compositores. Grandes nomes<sup>6</sup>, como os de Romildo, Catoni, Serginho Meriti, Barbeirinho do Jacarezinho, Sergio Fonseca, Wilson Moreira, Xangô da Mangueira, Argemiro Patrocínio, Délcio Carvalho, Luiz Carlos da Vila e Monarco da Portela. Divulgou a memória de autores de composições que ficaram famosas nas vozes de grandes intérpretes brasileiros, como Clara Nunes, Beth Carvalho, Zeca Pagodinho, Elizeth Cardoso, Marisa Monte e Paulinho da Viola.

Os eventos de lançamento têm a presença do compositor homenageado, familiares, parceiros, amigos e público em geral. A proposta é reunir vídeo, conversas, roda de samba – constituindo um verdadeiro “terreiro multimídia”, no dizer de Marcos Alvito (ex-professor da Universidade Federal Fluminense). A exibição do documentário se soma a uma roda de samba que se forma pelos compositores que vão chegando e se juntando ao encontro. Na roda, cada um canta os seus sucessos. Com isso, naquele momento, as músicas deixam de ser atribuídas aos intérpretes famosos que as gravaram e são reconhecidas como importantes contribuições que o operário/artista do samba dá ao imaginário e à cultura nacional.

### **1.1. O samba no terreiro multimídia**

“Diferentemente de outras manifestações musicais, o samba envolve um longo processo de socialização, o estabelecimento de uma rede de relacionamentos pessoais, o partilhar de uma memória comum, com tradições e ‘culto’ aos ancestrais” (ALVITO, 2000. p. 47-48). A intenção do Puxando Conversa é, por meio da linguagem audiovisual – o vídeo – mediar o encontro de compositores de samba, suas trajetórias, suas músicas, com a memória dos parceiros e dos que, de alguma maneira, habitam/transitam o mesmo território do samba.

De acordo com Filé (2006), as histórias dos compositores nos mostram as formas como estas pessoas estabelecem suas maneiras cotidianas de estar no mundo, de viver a partilha de bens comuns – materiais e imateriais – bem como os processos de socialização. “Os ‘golpes’, as ‘malandrags’, a dura realidade desta gente e as maneiras que encontram para sobreviver, tanto financeira quanto emocionalmente” (idem. p. 50). Como reagem, na presença de um “sofrimento satisfatório”, que, no dizer de Romildo (compositor que viveu em Mesquita, Baixada Fluminense), “não é aquele sofrimento pesado, é um sofrimento mais leve, mais maleável, aquele que você tá passando, mas diz, não tem nada não, vou dar a volta por cima”. Conseguem driblar a dor encontrando um parceiro e fazendo um samba: “o meu cantar foi a

---

<sup>5</sup> Os documentários estão disponíveis na Síncopa TV, por meio do link: <https://www.youtube.com/@aprontosmultimidia7569>

<sup>6</sup> Alguns dos nomes citados acima podem ser conhecidos por meio de um vídeo criado a partir de trechos dos documentários. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1tpx82MvmwyRAhegUF1S8CnFiexF5hnh-/view?usp=sharing>

maneira que eu achei, pra não guardar o pranto que eu não chorei (“Rio seco”, samba de Romildo e Toninho Nascimento, no vídeo “Cheio de Cantigas”, gravado em 1990 e editado em 1998 pela TV Maxambomba, Cecip – Dir. Valter Filé).

Nas conversas (gravações dos vídeos, lançamentos, meios de comunicação), as redes se tecem e nelas, além das diferentes formas de viver os mesmos fatos, os vínculos, um compositor puxa o nome de outros, que certamente irão fazer parte da trama do Puxando Conversa. O diálogo entre compositores se expande e atinge o público quando este conhece os verdadeiros autores dos grandes sucessos, ou entra em contato com o trabalho daqueles que estão fora do mercado, mas são uma forte presença no universo da criação e da expressão do samba. Uma atmosfera produzida num clima de muita informalidade, juntando a linguagem do vídeo com a experiência visceral do samba, dando um tom de fundo de quintal – um terreiro multimídia.

## **1.2. Fazendo circular, entre composições, as histórias de muitos Rios de Janeiro**

Nos documentários, histórias do samba e do cotidiano popular são contadas por seus cronistas oficiais, os compositores, que narram uma outra história da cidade por meio de “atos de palavra – falada e cantada” (FILÉ, 2010. p. 126). Nossa tarefa, portanto, também tem sido, via linguagem audiovisual, produzir uma espécie de inventário de narrativas com o intento de dar a ver-ouvir-falar as muitas histórias ali partilhadas, que noutra época foram impedidas de circular pelas ruas de nossa cidade.

Por falar em roda, não é à toa que trazemos à tona essa palavra: ela aponta para a circularidade que, segundo Azoilda Loretto da Trindade (2013), é um dos valores civilizatórios afro-brasileiros que exprimem movimento, renovação, processo, coletividade.

Você se lembra, Surica, você era novinha e começou a trabalhar fora, a trabalhar lá embaixo, que a gente subia naquele ‘558’, aquele trem que uma vez bateu e matou gente ‘pra xuxu’, lembra? Que a gente de manhã, quando ia fazer ‘gazeta’ do trabalho, chegava na Central – que era muita gente que falta o serviço na segunda-feira, se reunia ali porque o bonde fazia ponto ali. A gente juntava as marmitas todas e íamos fazer piquenique em Paquetá, lembra? (Jair do Cavaquinho) (FILÉ, 2010. p. 131)

Central é o nome de uma das principais estações de trem que viabilizam a chegada da população das periferias à região central do Rio de Janeiro. Neste lugar, os compositores se reuniam para seguir para outras localidades, dentre elas a Ilha de Paquetá. Em escritos de um dos autores deste trabalho, podemos perceber a costura que o mesmo faz entre composição, trem e circularidade. Vejamos:

Antes de prosseguir meu trabalho, comecei a pensar que aquele refrão incluía uma homenagem aos vendedores ambulantes dos trens. Pensei na forte ligação do trem com a vida das pessoas que vivem nos subúrbios e, logicamente, com os sambistas. O trem (...) foi a ‘mídia’ que os compositores usaram para mostrar e divulgar seus sambas, que não tocavam nas emissoras de rádio. (FILÉ, 2010. p. 131)

Tamanha é a ligação entre o trem com o samba que, coincidentemente – ou não –, a palavra trem também pode ser substituída pelo termo “composição”. Pelas linhas férreas que se estendem pelos diferentes lugares do estado, as composições – de samba e de trem – transportam as muitas histórias que não circulam pelos livros ou em outras mídias oficiais de uma historiografia que preocupou-se apenas em contar uma história única, aquela que enaltece os feitos dos colonizadores.

É nas redes de sociabilidade e de partilha que os saberes e histórias seguem circulando e se mantendo vivos. Sendo abrigados nos mais diversos lugares: os botecos, rodas de samba nas estações de trem, em Paquetá (onde as mulheres dividiam suas marmitas), e também no fundo do quintal da casa da Tia Ciata<sup>7</sup>. Uma trama de movimentos que fizeram do samba um dos mais significativos patrimônios imateriais brasileiros. “É resultado de um caldeirão musical que funde o norte e o sul, o jongo africano e o repente nordestino, o calango mineiro e a pernada carioca, o improviso e a repetição, o respeito e a ironia, a tristeza e o bom humor” (ALVITO, 2000. p. 50). Como pode uma população que não tinha acesso aos poderes comunicacionais fazer com que sua arte e sua cultura ganhassem tamanha repercussão?

### 1.3. O audiovisual na roda

O samba também se reveste da maior importância para uma história das classes populares no Rio de Janeiro. Os sambas registram tudo, desde as iniciativas governamentais como as tentativas de remoção das favelas e a resistência dos moradores (penso em Zé Kéti e seu Opinião<sup>8</sup>) até o dia-a-dia dessas populações, suas condições materiais, seus valores. O samba é uma tradição sem dúvida, mas a marca desta tradição sempre foi a mudança, a reinvenção, para incorporar novos temas, para pensar novos problemas, para continuar o diálogo com o mundo (ALVITO, 2000. p. 50-51).

Com as palavras de Alvito, pudemos perceber a força de reinvenção e de mudança que faz com que o samba permaneça atual e sempre presente no cotidiano brasileiro. Sua articulação e diálogo com o mundo constitui-se como porta de entrada para o nosso projeto, promovendo a valorização dos compositores e contribuindo para a conexão com as novas gerações e com os diferentes meios culturais e artísticos. Pensando nisso, criamos um canal no Youtube, no qual o público em geral pode acessar todo o acervo produzido<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup> Tia Ciata, partideira respeitada, não deixava o samba morrer, providenciando que as panelas sempre estivessem quentes, por vezes, promovendo em sua casa, saraus com chorões e bailes amaxixados no salão da frente, sem esquecer um bom samba lá no fundo do quintal, sempre com uma cerimônia de candomblé encerrando as festividades. Disponível em: <https://www.tiaciata.org.br/>

<sup>8</sup> Samba disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tUKCgkyPwZs>

<sup>9</sup> Os documentários estão disponíveis na Síncopa TV, por meio do link: <https://www.youtube.com/@aprontosmultimedia7569>.

Vale destacar, ainda, o aspecto inovador das narrativas elaboradas nos documentários: a construção da história do samba a partir de histórias de vida de seus “operários”, os compositores desconhecidos, que nos falam não apenas das músicas criadas, mas principalmente dos conhecimentos produzidos nos espaços/tempos do cotidiano. Nas conversas, os compositores vão relembrando e conectando-se com outros parceiros de composição, e assim vai se formando a trama da memória.

A linguagem audiovisual como metodologia de se trabalhar as narrativas da memória também se destaca pela sua capacidade de lidar com a oralidade, tão cara à tradição do samba. Nesta tradição, a palavra e o silêncio, os vacilos/alterações do corpo e os meneios no cantar mobilizam imagens/imaginários e ampliam os sentidos. O Puxando Conversa tem estabelecido vários diálogos entre os autores dos sambas e entre estes e o público, dando-lhes a possibilidade de conhecer as histórias de vida de seus compositores, as quais também estão presentes nas muitas composições que até hoje são grandes sucessos da música popular brasileira.

## **2. Inclusive Luísa**

Inclusive Luísa é uma realização da AIC - Agência de Iniciativas Cidadãs, coordenada por Luísa Camargos, que é a primeira pessoa T21<sup>10</sup> a se formar em Relações Públicas no Brasil. O projeto combina e reverbera vozes de pessoas com deficiência, ativistas, interessados na temática e apoiadores da causa da sociedade inclusiva. A busca é por promover debates e articular sujeitos na mobilização social em prol dessa causa de interesse público. A criação de conteúdos baseia-se em metodologias de compartilhamento de histórias de vida.

Mostrar a causa mobilizatória encarnada nas experiências de vida é um caminho importante para quebrar preconceitos e promover a construção afetiva da vinculação das pessoas a um processo de mobilização social. No Inclusive Luísa<sup>11</sup>, essa é a aposta: ele é calçado, sobretudo, na escuta e na difusão das histórias de diferentes pessoas que, ao narrar suas vidas, evidenciam o valor da mobilização social pelos direitos de cidadania das pessoas com deficiência.

---

<sup>10</sup> T21, a trissomia do cromossomo 21, é uma condição genética, que ocorre no momento da concepção, causada pela presença de três cromossomos 21 (ao invés de dois) em todas ou em grande parte das células de um indivíduo. Essa condição genética também é conhecida como Síndrome de Down, por ter sido descrita pela primeira vez pelo médico britânico John Langdon Haydon Down. Cada pessoa T21 tem especificidades únicas em relação ao desenvolvimento físico, mental e intelectual, que precisam ser observadas para que ela tenha acesso a oportunidades, adequadas às suas especificidades, que lhe permitam conviver, aprender, trabalhar, divertir-se – enfim, para que seja assegurado a ela o direito de desenvolver seus potenciais e de participar plenamente da vida familiar, comunitária e social.

<sup>11</sup> Ver <https://www.inclusiveluisa.aic.org.br/>. Acesso em 10 dez 2022.

Em conversas que se conectam e em processos de criação sempre colaborativos, o projeto Inclusive Luísa é, hoje, uma rede de troca e mobilização social com ampla visibilidade e com uma articulação que reverbera em diversas localidades brasileiras.

O projeto, ao investir em processos dialógicos, criou um circuito mobilizador que reúne rodas de conversa, encontros formativos, conteúdos em site e redes sociais – experiências variadas, nas quais interações efetivas e potentes se fazem possíveis. Dentre as diversas frentes de ação que constituem a iniciativa, destacamos a série de podcasts<sup>12</sup> para evidenciar e discutir alguns dos diálogos e dos vínculos que o Inclusive Luísa vem tecendo desde 2020.

## **2.1. No começo, uma história de amor**

O ano era 2019. Karla Damiani, profissional de Relações Públicas (RP) com uma longa trajetória na AIC, leu uma notícia e se apaixonou: naquele ano, na cidade de Belo Horizonte, pela primeira vez no Brasil, uma pessoa T21 se graduava como profissional de RP. O nome da mulher a alcançar tal incrível feito era Luísa Camargos<sup>13</sup>. Na mesma hora, Karla mandou a notícia para a sua colega Rafaela Lima<sup>14</sup>, uma das fundadoras da AIC.

Assim que chegou à Rafa, a notícia também despertou amor à primeira vista. Afinal, ela já tinha um amor da vida inteira como exemplo: o tio / irmão Lacyr Gomes de Souza, com quem foi criada, e de quem sempre foi “carne e unha”. Rafaela sabia o quanto as pessoas com T21 podem ser fonte de percepções e compreensões do mundo criativas, críticas, divertidas e amorosas. E o quanto o direito de desenvolver esses potenciais incríveis é negado, todos os dias, a essas pessoas. A história de Luísa Camargos era prova incontestável de que o acesso a oportunidades é algo que faz toda a diferença na trajetória de vida dessas pessoas.

E o que a gente faz quando o amor nos arrebatou? A gente se movimenta, vai em direção ao outro e movimenta o mundo. E assim aconteceu: as duas amigas da AIC foram atrás de Luísa e, cerca de um mês depois, a Lu já fazia parte da equipe da AIC.

A Agência de Iniciativas Cidadãs não sabia até então, mas havia sido criada para que um dia uma jovem chamada Luísa ali chegasse e colocasse toda aquela instituição em movimento contínuo em prol da luta contra o capacitismo e pela cidadania das pessoas com deficiência. Luísa não sabia, mas havia nascido para, um dia, fazer parte da AIC e tornar aquela organização uma aliada da luta que ela encarna. Não por acaso (assim acreditamos), Luísa e AIC nasceram no mesmo ano: 1993.

---

<sup>12</sup> Disponíveis em <https://open.spotify.com/show/4I5dI5GcEzA4UdP4a2Rl7U?si=d10e3f7c8e1848a7>. Acesso em 10 dez 2022.

<sup>13</sup> Nesse artigo, chamaremos Luísa Camargos também de Lu, que é o apelido carinhoso que ela tem entre nós.

<sup>14</sup> No artigo, chamaremos Rafaela Lima também pelo apelido Rafa, que é como todos a chamam.

Em 2022, quando completava três anos de trabalho na AIC, Luísa fez uma apresentação a toda a equipe da entidade sobre as propostas de comunicação para a mobilização pela sociedade inclusiva que havia construído na instituição. Naquele dia, absolutamente todas as pessoas – inclusive a Lu – ficaram muito emocionadas. Afinal, víamos ali uma história em que o bordão que a Luísa adora repetir se concretizava: “é muito amor envolvido”.

Na AIC e no mundo, Luísa é influenciadora digital, criadora de conteúdos multimídia, palestrante e educadora. Como toda grande educadora, tem uma profissão de fé: sensibilizar as pessoas para que sejam sujeitos ativos na construção da cidadania. E a dimensão da cidadania que ela espalha aos quatro cantos é a da sociedade inclusiva. E a Lu faz isso com maestria porque convoca as pessoas à reflexão e à mudança de posição, e o faz da maneira mais impactante e profunda possível: pela via de diálogos amorosos.

Acreditamos profundamente que afirmar que Luísa Camargos constrói uma mobilização pela sociedade inclusiva a partir do amor não é fazer uma leitura piegas. Amor não é algo oposto ao conhecimento, ao trabalho intelectual, à produção técnica da comunicação. O amor é o motor e o sentido de tudo isso: conhecimento efetivo é aquele enraizado na vida e nas interações. O olhar que se dispõe a conhecer algo é, necessariamente, amoroso. O biólogo chileno Humberto Maturana (2022), referência nos estudos da cognição, nos provoca a inverter o dito popular “é preciso ver para crer”. Ele defende que, na verdade, “é preciso crer para ver”. O ato de se colocar em busca de conhecer algo ou alguém é movido por um reconhecimento de valor naquilo ou naquela pessoa: é um ato de amor. Falar de direitos humanos sem associar esses direitos às vidas de pessoas concretas, com corações que pulsam, é falar no vazio: não mobiliza ninguém a lutar por tais direitos.

Afinal, a mobilização social – algo que buscamos com tanto afinco nos nossos projetos voltados à promoção da cidadania – é convocar as vontades das pessoas, impulsioná-las rumo a um horizonte ético: a uma sociedade menos desigual e com pessoas mais abertas à alteridade. É o que nos ensina o professor Márcio Simeone Henriques, um dos grandes estudiosos do tema no Brasil – e fã de Luísa Camargos.

Mobilização social, portanto, é algo que se faz a partir do afeto: do encontro sensível, do contato afetivo com o outro. Para Moriceau e Mendonça (2016, p. 78-98), o contato afetivo possibilita a interação profunda, na qual há uma disposição dos sujeitos de se despirem de preconceitos e de quadros de sentido pré-formatados para serem *contaminados* pela experiência do outro. Para esses dois autores,



afetar é tocar e ser afetado é ser tocado. Em inglês, *feeling* que dizer, ao mesmo tempo, a sensação física, o sentimento e o afeto. Deixar-se afetar, deixar-se ser tocado (sensorial e emocionalmente) é ingressar em uma relação apta a produzir transformações em nosso ser e nossos pensamentos (MORICEAU e MENDONÇA, 2019, p. 84).

Os autores lembram ainda que o contrário da afetividade é a indiferença, a incapacidade “de prestar atenção e de se preocupar” (MORICEAU & MENDONÇA, 2019, p. 82), de aceitar uma realidade que se mostra a partir do outro, que é distinta do que se acreditava conhecer, de aprender a partir da interação com o outro.

O afeto é essencial à luta pela sociedade inclusiva porque o que essa mobilização enfrenta é um preconceito com pessoas consideradas diferentes em função de não se enquadrarem num pretenso padrão de normalidade: o capacitismo.

## **2.2. No meio do caminho, o capacitismo (o avesso do amor)**

Vem também de Maturana (2022) um bom conceito para a emoção fundamental a que chamamos amor: trata-se do “domínio das condutas relacionais através das quais o outro ou outra surge como legítimo outro na convivência”. Nesse domínio relacional, “o outro é respeitado, não é negado”. Se assim entendemos o amor, facilmente perceberemos que o capacitismo é o avesso do amor: ele é um preconceito, arraigado nas estruturas de nossa sociedade, que nega, exclui e segrega as pessoas com deficiência.

Nas palavras de Fiona Campbell, uma grande estudiosa do tema, o capacitismo conjuga crenças e práticas sociais que projetam um padrão corporal considerado *perfeito, típico da espécie, essencial, totalmente humano*. Ao mesmo tempo, projeta o estereótipo da deficiência, que seria um *estado diminuído do ser humano* (CAMPBELL, 2001, p. 44). Trata-se, portanto, de uma estrutura preconceituosa que “hierarquiza as pessoas em função da adequação de seus corpos a um ideal de beleza e capacidade funcional” (MELLO, 2022).

Segundo a lógica capacitista, haveria um conjunto de capacidades físicas, sensoriais, mentais e intelectuais consideradas padrão. A deficiência, nessa lógica, seria um “defeito” individual. Não haveria uma implicação ou responsabilidade da sociedade em relação a tal problema – que seria uma situação da vida privada, e não uma questão de interesse público.

É preciso denunciar e enfrentar essa lógica abjeta de preconceito e segregação. Esse é o propósito dos movimentos de luta pela sociedade inclusiva. Um horizonte ético anima essa luta: a certeza de que todos pertencemos à raça humana, cuja marca é a diversidade.

E, se a diversidade é algo intrínseco a nós, humanos, precisamos construir uma sociedade em que todos os modos humanos de se existir sejam respeitados como legitimamente humanos. É o que defende a especialista e ativista Cláudia Werneck, que lembra ainda que, no paradigma da sociedade inclusiva, os ambientes e os processos da vida social, da educação e do trabalho devem ser acessíveis a todas as pessoas. do jeito que elas são, “posto que são para humanos/as e não podemos escolher humanos/as, porque este é um ato criminoso”<sup>15</sup>. Os mais variados espaços e instituições – como, por exempli, as da educação, da formação profissional, do trabalho, da cultura e do lazer – devem, assim, “ser desenhados para todas as pessoas, independentemente de suas características, sem ‘poréns’, sem exceções, sem modelos ‘especiais’ ou excludentes”<sup>16</sup>, defende.

Nessa perspectiva, a sociedade inclusiva se torna imperativo ético: com base no princípio da equidade, é dever de toda a sociedade garantir às pessoas com deficiência condições de acesso à dignidade e aos direitos. Já a palavra deficiência, por sua vez, assume a conceituação que foi formulada pela Convenção da ONU (Organização das Nações Unidas) sobre os Direitos da Pessoa Com Deficiência, de 2007. Já no seu primeiro artigo, tal Convenção afirma que

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas (RESENDE e VITAL, 2008, p. 27).

### **2.3. Um podcast pra falar de afeto**

Inclusive Luísa é um podcast em que as pessoas contam suas histórias de vida e, ao contá-las, falam de experiências de afeto. No bate papo com Luísa, narram vivências que lhes são caras, que guardam no coração.

Ao ter a honra de contar sua história ao podcast, a Rafa teve que repetir várias vezes a fala sobre os 50 anos de convivência com seu amado tio Lacyr: a pessoa mais divertida e criativa do mundo, que inventa as frases mais originais e engraçadas, o companheiro de todos os momentos. Um sujeito que, entre tantas e tantas características, é uma pessoa T21. A gravação teve que ser repetida porque as palavras vinham junto com lágrimas. A voz saía embargada demais, não daria pra ninguém entender. Rafa falou também do que significou, na história de sua vida, ser uma mulher gorda, num mundo machista em que o valor e a beleza da mulher são associados a padrões estéticos impossíveis.

---

<sup>15</sup> Em entrevista concedida a Luísa Camargos em março de 2020. Não publicada.

<sup>16</sup> Idem.

Os irmãos Leonardo e Eduardo Gontijo, fundadores do Instituto Mano Down, falaram para Luísa sobre o profundo afeto que os une – Léo, pessoa sem deficiência; Dudu, músico e T21 – e do quanto esse afeto esteve presente na construção e se faz presente, todos os dias, em cada atividade do Instituto, que promove a autonomia e a inclusão de pessoas T21 e de sujeitos que têm outras deficiências.

Marisa Camargos, mãe da Luísa e da Alice, falou no podcast da experiência incrível de viver a maternidade, do amor infinito que tem pelas duas filhas, do laço especial e muito, muito apertado entre Lu e Alice, companheiras de vida inseparáveis. Falou do orgulho da trajetória pessoal e profissional de sua filha T21. Contou um pouco da história da família cheia de carinho que forma com as filhas e o marido.

Neuza Loureiro, psicopedagoga que apoiou Luísa nos estudos desde a infância até a graduação, falou com muito carinho do quanto foi especial a trajetória das duas, que desbravaram mundos, desafiaram os preconceitos e os mecanismos que excluem as pessoas T21 da escola e da vida profissional. Pouco tempo depois de gravar o podcast, Neuza faleceu. A peça midiática foi um registro importante de uma vida dedicada à educação inclusiva. Para além disso, como a Lu gosta de frisar, a psicopedagoga, que tantas vezes repetiu “Luísa, você vai cursar uma faculdade”, viveu para ver sua aluna se graduar e atuar profissionalmente como Relações Públicas. Viveu para saber que construiu um legado muito valioso.

Para que o leitor e a leitora possam sentir um pouco do tom vivo e afetivo do podcast, Luísa escolheu os exemplos acima. É esse o tom que o Inclusive Luísa encontrou para afirmar, em alto e bom som, o imperativo ético de que, no mundo que temos em comum, absolutamente todas as pessoas têm direito a um lugar. E fica mais fácil vislumbrar e querer construir esse mundo quando um gostinho dele chega aos nossos ouvidos nas belas histórias de vida que vêm sendo contadas nos podcasts da Lu.

E a Luísa, por sinal, não separa a vida e a luta pelo ideal da sociedade inclusiva. Ela afirma que a contribuição que dá à luta contra o preconceito é simplesmente viver: sonhar, estudar, conviver com as pessoas queridas, trabalhar e ser feliz – e, ao fazer isso, mostrar que as pessoas T21, se têm acesso a oportunidades, são totalmente capazes de realizar todas essas coisas. O podcast que ela criou faz o mesmo: contando histórias de vida, assinala o direito de todas as pessoas ao viver.

De história em história, o Inclusive Luísa espalha afeto e constrói a sociedade inclusiva. Afinal, como já dissemos, o afeto é uma força capaz de quebrar as estruturas muito rígidas de preconceito, de aversão ao diferente, de desvalorização de certas vidas. Quebrar estruturas tão fortes e profundas é muito difícil: não basta disseminar informações, falar de leis, lembrar de princípios éticos. É preciso afetar as pessoas, provocar nelas encontros sensíveis com a alteridade. Só assim é possível espalhar uma compreensão de que a diversidade, mais do que uma característica da nossa espécie, é algo que torna a existência muito mais bonita e rica. Afinal, a diversidade é a característica extraordinária da vida que faz dela um caleidoscópio: uma experiência em que as mais belas possibilidades surgem das infinitas combinações entre pedacinhos de matéria com as mais variadas formas, tamanhos e cores.

### **3. Saúde e Alegria**

Educação, arte e comunicação são os três elementos chave utilizados desde 1985 pelo projeto Saúde e Alegria (PSA) para criar uma rede de mobilização social envolvendo os povos indígenas da Amazônia na defesa de suas vidas, cultura e tradições, que são totalmente conectadas à defesa da floresta. Nos primeiros anos da iniciativa, foi criado um circo: o Circo Mocarongo. A palavra Mocarongo, vale dizer, designa as pessoas naturais de Santarém e/ou que vivem às margens dos rios Tapajós e Arapiuns – região do Pará no qual o projeto atua. De forma lúdica e em diálogo com as linguagens e culturas da região, o Circo Mocarongo realiza atividades educativas em temas de saúde e cidadania.

Desde o final dos anos 1990, o PSA promove a Rede Mocaronga, que articula dezenas de comunidades indígenas. Frutos de contextos comunitários variados, as produções comunicativas dessa rede são múltiplas: vão de produções artesanais, como cartazes ou megafones; a produções multimídia para redes sociais.

Atualmente, a Rede Mocaronga envolve um circuito de produções comunicativas que atua em 31 comunidades paraenses e conta com grupos de jovens articuladores em todas elas. Assim, o PSA, além de criar suas próprias produções comunicativas, se posiciona principalmente como articulador e apoiador de iniciativas criadas e geridas pelos próprios moradores das localidades.

#### **3.1. Uma rede de comunicação, mobilização, educação e cultura**

Segundo o MapBiomass (projeto de monitoramento dos biomas brasileiros realizado pelo SEEG/OC – Sistema de Estimativas de Emissões de Gases de Efeito Estufa do Observatório do

Clima), os territórios indígenas são uma das mais importantes barreiras contra o avanço do desmatamento no Brasil<sup>17</sup>. Já a ONU destaca que, “na Amazônia, a biodiversidade dos ecossistemas melhora quando os indígenas os habitam”<sup>18</sup>. Levantamento da agência da ONU voltada à agricultura e à alimentação aponta que povos indígenas, pequenos agricultores e comunidades locais gerenciam áreas florestais que estão entre as mais ecologicamente intactas e biodiversas do planeta<sup>19</sup>. A agência da ONU conclui que os indígenas têm muito a ensinar ao mundo sobre como preservar os recursos naturais, cultivar alimentos de maneira sustentável e viver em harmonia com a natureza<sup>20</sup>.

Há muito os povos indígenas sabem do valor e da importância dos saberes que mobilizam para a construção de modos de vida que respeitam e protegem o meio ambiente – modos de vida, esses, que são essenciais para que o planeta não entre em total colapso. Esses saberes tão fundamentais precisam ser registrados e difundidos pelas comunidades que os criam: as comunidades indígenas. Esse é o princípio da Rede Mocaronga de Comunicação Popular.

Dada a importância da Floresta Amazônica para o planeta, muito se fala sobre ela – geralmente, a partir do olhar de quem é de fora. A Mocaronga faz o caminho inverso: é uma rede dos povos amazônicos. Nela, as pessoas da região da Amazônia falam por si próprias. Criam produções midiáticas para falar da vida, dos saberes e das tradições cotidianas; e para contar como lidam com os desafios da luta pela sobrevivência, pelo acesso aos direitos e pela proteção da floresta.

Protagonizada principalmente por jovens ativistas e coletivos juvenis das comunidades, essa ampla rede de comunicação comunitária também é educativa e mobilizadora. Atua juntamente com o Circo Mocaronga para fazer circular entre as comunidades informações importantes relacionadas aos cuidados com a saúde e o bem viver.

É uma rede, por fim, de promoção da cultura: dá visibilidade aos conhecimentos, à arte e às experiências culturais de quem vive nos territórios. Conta histórias das práticas, das comidas, das lendas, dos costumes. Divulga e apoia o trabalho dos artistas e dos coletivos artísticos.

A Rede Mocaronga é, portanto, uma ação de comunicação midiática – uma vez que as pessoas e os grupos envolvidos criam produções em vídeo, rádio, internet, jornal impresso e redes sociais. Mas é, também, ação educativa, mobilizadora e cultural. Combina todas essas dimensões para construir uma experiência de formação crítica, de participação e de

---

<sup>17</sup> Cf <https://mapbiomas.org/terras-indigenas-contribuem-para-a-preservacao-das-florestas>. Acesso em 10 dez 2022.

<sup>18</sup> Cf <https://news.un.org/pt/story/2019/08/1683741#>. Acesso em 10 dez 2022.

<sup>19</sup> Idem.

<sup>20</sup> Ibidem.

fortalecimento das comunidades, a partir delas mesmas. Os participantes se envolvem no que é construído e, assim, se reconhecem no que é produzido. Com isso, a Mocaronga cria uma comunicação que faz sentido na vida das pessoas; gera reflexões e aprendizados; mobiliza indivíduos e coletividades para a construção ativa da cidadania.

### **3.2. Um laboratório de ações juvenis**

Logo que surgiu, a Rede Mocaronga trabalhou para disseminar experiências de produção midiática realizadas por equipes técnicas em parceria com as comunidades indígenas. Depois, o trabalho se aprofundou: passou-se à oferta de oficinas de comunicação comunitária em tais comunidades, com vistas à formação de multiplicadores.

O trabalho formativo deu certo: no século 21, a rede se tornou uma experiência aberta, na qual o PSA tem um papel mais articulador e o protagonismo é espalhado entre experiências locais autônomas de comunicação comunitária e popular – a maior parte delas protagonizada por jovens. Mais do que isso: ao se juntarem para criar comunicação, muitos jovens se envolvem em discussões de temas de cidadania e decidem criar coletivos de ativismo em prol de tais temas. Assim, a Rede Mocaronga acabou se tornando um laboratório que faz surgir novos coletivos. Com isso, ao mesmo tempo em que fortalece a ação política da juventude, se fortalece: os coletivos de jovens dinamizam, ampliam e diversificam a comunicação comunitária criada por essa rede.

Os coletivos juvenis nascidos da experiência, por sua vez, têm o importante papel de fomentar reflexões e práticas cidadãs nas comunidades indígenas em que vivem: idealizam e promovem novas oficinas de educomunicação – formando, assim, novos multiplicadores –, elaboram e difundem produções midiáticas relacionadas a temas de interesse das populações locais, realizam atividades que combinam arte, cultura e mobilização da juventude por direitos.

Têm sido os jovens, também, os grandes multiplicadores da educomunicação nas escolas públicas da região. Eles levam às crianças e aos adolescentes de tais escolas práticas lúdicas e criativas de produção midiática. Práticas nas quais os processos de elaboração dos conteúdos que circulam nos veículos de comunicação e nas redes sociais são investigados, problematizados e exercitados. Quem participa de tais práticas, portanto, desenvolve habilidades relacionadas ao pensamento crítico e à expressão; além disso, constrói uma relação problematizadora e ativa com o universo da comunicação midiática.

As oficinas oferecidas pelos coletivos juvenis nas escolas vêm criando um circuito educativo muito potente: os estudantes se empolgam e dão asas à criatividade; experimentam as

linguagens para falar de temas que dialogam com seu contexto de vida. Assim, geram e colocam em circulação produções que tratam de conhecimentos importantes para os jovens, a partir dos olhares deles próprios.

Ao se depararem com o engajamento e a produção criativa dos estudantes, os professores também acabam por se sentir instigados à construção de uma relação mais aberta com as tecnologias e as linguagens das mídias. Ao invés de rejeitar as tecnologias, de brigar com o aluno para que não use o celular na escola, de proibir aparatos tecnológicos na sala de aula, o professor percebe que pode buscar outro caminho, usando a tecnologia a seu favor. Passa a ver que, muito mais interessante do que cobrar do aluno que decore conteúdos, é ensiná-lo a produzir conhecimento crítico. E isso pode acontecer em pequenas práticas do dia a dia: quando, por exemplo, ele propõe que o aluno use o celular para criar uma fotonovela ou um vídeo sobre a comunidade em que vive.

A Rede Macoronga é, enfim, uma grande usina participativa e colaborativa de produção e circulação de conhecimentos das comunidades amazônicas. Jovens e grupos juvenis, iniciativas de arte e cultura, coletivos dos territórios, professores e estudantes são convidados, todos os dias, a fazer parte dessa usina. E fazer parte da Rede Macoronga é algo simples: é “colocar a mão na massa”, experimentar linguagens e tecnologias, exercitar a criatividade para criar ações e produções comunicativas com forte potencial expressivo. É ainda, ao “colocar a mão na massa”, criar circuitos de conhecimento, troca e debate público. E os sujeitos desses processos, ao mesmo tempo simples e profundamente transformadores, são os povos indígenas – povos que, é sempre bom ressaltar, têm muito a aprender uns com os outros e a ensinar para o mundo.

### **Referências bibliográficas**

ALVITO, Marcos. Puxando Conversa. In: FILÉ, Valter (Org.). **Batuques, fragmentações e fluxos**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

CAMPBELL, Fiona Kumari. **Inciting legal fictions: Disability date with ontology and the ableist body of the law**. Griffith Law Review, 10, 2001: 42—62.

FILÉ, Valter. Tentativas e tentações: batidas no território da linguagem. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de (org.). **Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de narrar**. Rio de Janeiro: Faperj, 2010. p. 123-134.

FILÉ, Valter. **O QUE ESPANTA MISÉRIA É FESTA!**: narrativas e memórias nas redes educativas do samba. 2006. 184 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

HENRIQUES, Márcio Simeone (org.). **Comunicação e Estratégias de Mobilização Social**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004 2 ed.

MATURANA, Humberto. *Um problema de desejo* (Entrevista). In: **Filosófica Biblioteca**. Disponível em: <<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/10/entrevista-com-o-cientista-chileno-humberto-maturana.pdf>>. Acesso em: 30 nov 2022. Não paginado.

MELLO, Anahi Guedes. **O que é capacitismo**. Publicação eletrônica. Disponível em: <https://www.inclusive.org.br/arquivos/29958>. Acesso em 10 dez 2022. Não paginado.

MORICEAU, Jean-Luc e MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. Afetos e experiência estética: Uma abordagem possível. In: MENDONÇA, Carlos Magno; DUARTE, Eduardo e CARDOSO FILHO, Jorge (org.). **Comunicação e sensibilidade: pistas metodológicas**. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2016.

RESENDE, Ana Paula e VITAL, Flávia Maria de Paiva (Coordenadoras). **A Convenção sobre Direitos das Pessoas com Deficiência Comentada**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, 2008.

TRINDADE, Azoilda Loretto (org.). **Africanidades brasileiras e educação**. Brasília: TV Escola, 2013.